



ARTIGO
ARTICLE

Manifesto e utopia: antropofagia e identidade nas reflexões de Oswald de Andrade como um intérprete do Brasil

Manifesto and utopia: anthropophagy and identity in Oswald de Andrade's thinking as an interpreter from Brazil

Raíssa Varandas Galvão 

Doutoranda em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora
raissa_vgalvao@hotmail.com

GALVÃO, Raíssa Varandas. Manifesto e utopia: antropofagia e identidade nas reflexões de Oswald de Andrade como um intérprete do Brasil. *História, histórias*, vol. 8, nº 15, jan./jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.26512/rhh.v8vi15i.26848>

Resumo: Este artigo aborda o Manifesto Antropófago (1928) e o livro de ensaios *A Utopia antropofágica* (1990), produzidos pelo escritor brasileiro, Oswald de Andrade. O trabalho propõe uma leitura das ideias desenvolvidas pelo autor como uma possibilidade de interpretação da sociedade brasileira. O conceito de antropofagia, desenvolvido por Oswald de Andrade em seus escritos, surge como uma ferramenta através da qual é possível pensarmos nossa história e nossa realidade, problematizando as relações entre centro e periferia. Produzidos em um momento de busca por uma identidade nacional, procura-se compreender os textos do escritor e o conceito de antropofagia, a partir desse contexto e do diálogo com autores da historiografia, como o historiador Richard Morse. Apóia-se também em trabalhos essenciais a respeito do tema, como aqueles realizados por Maria Cândida Ferreira de Almeida, Benedito Nunes, Antonio Candido, Suely Rolnik e Beatriz Azevedo.

Palavras-chave: Antropofagia; Oswald de Andrade; Identidade; Manifesto Antropófago.

Abstract: This article deals with the Cannibalist Manifesto (1928) and the essay book *A Utopia antropofágica* (1990) written by the Brazilian modernist, Oswald de Andrade. The paper proposes an analysis of the ideas developed by the author as a possibility of interpretation of the Brazilian society. The concept of anthropophagy, developed in the Andrade's writings, appears as a tool through which is possible to think about our history and our reality, problematizing the relations between center and periphery. Considering the context of looking for a national identity in which these works were produced and the possibility of dialogue with other authors of historiography, like the historian Richard Morse, as well as other essential works about the theme, as those written by Maria Cândida Ferreira de Almeida,

Benedito Nunes, Antonio Candido, Suely Rolnik and Beatriz Azevedo, I try to understand the writer's texts and the concept of anthropophagy.

Keywords: Anthropophagy; Oswald de Andrade; Identity; Cannibalist Manifesto.

No ensaio *O multiverso da identidade latino-americana* (1995), o historiador Richard Morse afirma que os escritos de Oswald de Andrade anteciparam em décadas temas que atrairiam historiadores e pesquisadores acadêmicos. A partir das possibilidades de diálogo entre a história e a literatura, este trabalho se atém ao *Manifesto Antropófago* (1928) e aos ensaios reunidos no livro *A Utopia Antropofágica* (1990) para pensar a figura de Oswald de Andrade como um intérprete do Brasil e a antropofagia como uma ferramenta teórica e metodológica a partir da qual podemos ler nossa realidade.

Em seus textos, Oswald procurou realizar um diagnóstico da sociedade brasileira usando sua estética vanguardista para questionar aspectos da história nacional. O conceito de antropofagia atacou o pensamento dicotômico vigente que se expressava através das conhecidas oposições entre colonizador e colonizado, civilizado e bárbaro, natureza e técnica. Por meio da metáfora do antropófago, figura ativa que devora o colonizador, Oswald proporcionou uma ferramenta para releitura da formação de nossa sociedade. Ao falar do espectro da colonização, que ainda hoje parece nos perseguir gerando ânsia com relação a nossa herança cultural, Leyla Perrone-Moisés aponta o papel da antropofagia na resignificação de nossa própria história. De acordo com a autora:

A Antropofagia oswaldiana nos permite superar essa 'ansiedade', acabar com todo complexo de inferioridade por ter vindo depois, resolver os problemas de má consciência patriótica que nos levam a oscilar entre a admiração beata da cultura europeia e as reivindicações estreitas e xenófobas pelo 'autenticamente nacional'. Porque aí não se trata de uma atitude passiva do colonizado cultural, mas de uma atitude ao mesmo tempo de receptividade e de escolha crítica. [...] Só a Antropofagia nos salva desses enganos e dessa má consciência, por assumir alegremente a escolha e a transformação do velho em novo, do alheio em próprio, do déjà vu em original. Por reconhecer que a originalidade nunca é mais do que uma questão de arranjo novo.¹

¹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: *Flores da escrivinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 98-99.

Tendo em vista essa questão, é interessante notar como as ideias de Oswald encontraram ressonância no trabalho de muitos intelectuais. Richard Morse talvez seja um dos maiores exemplos de diálogo com o filósofo da antropofagia, fato que não parece estranho se levarmos em conta a declarada admiração do historiador pelos modernismos ibero-americanos e, em especial, por Oswald de Andrade. O interesse de Morse pelo assunto, bem como sua defesa das possibilidades de interação entre História e Literatura, gerou um significativo número de trabalhos a respeito, tais como *Brazilian Modernism* (1950), *A Volta de McLuhanaíma* (1990) e o já citado *O Multiverso da Identidade Latino-Americana* (1995). A partir de suas pesquisas, o historiador norte-americano apontou para uma forte interação entre literatura, cultura e história na América Latina, fator que justificaria a sua escolha de estudar a história dos países que compõem a região por meio de seus escritores e poetas. Fazendo coro ao historiador, a autora do artigo *Só a antropofagia nos une* (2005), Maria Cândida Ferreira de Almeida, afirma:

Na América Latina, o discurso estético tem sido a via, mesmo que heterodoxa, essencial para as reflexões sobre o poder. [...] A esta linhagem pertence o poeta Oswald de Andrade que, com suas muitas facetas de escritor, foi ensaísta, crítico literário e o filósofo da antropofagia, um conceito de vida calcado no primitivo que ele propôs como artefato para pensar a cultura americana, diante de seu dilema de 'estar tensionado entre a sedução ocidental e as reverberações da [nossa] própria história'.²

A partir dessa perspectiva, é possível pensar o conceito de antropofagia, tal como formulado por Oswald de Andrade, como uma possibilidade de leitura da realidade sociocultural brasileira e de nossa história. Muitas das mensagens do autor não foram compreendidas ou encaradas com seriedade em sua época. O aspecto provocativo e bem-humorado de seus escritos reforçou a impressão errônea de que seus textos se limitavam à brincadeira e ironia. Ignorou-se que no riso também há crítica. O próprio escritor, em seus anos finais, queixava-se da pouca aceitação de suas ideias e do fato de sua obra quase não ser lida. Suas ideias, contudo, permaneceram como herança e tornaram-se relevantes entre nossos intelectuais. É perceptível a importância das ideias de Oswald no que se refere à problematização das relações entre centro e periferia e a valorização de uma concepção cultural até então vista como atrasada.

² ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira. *Só a antropofagia nos une*. Cultura, política y sociedade: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p. 121.

As reflexões de Oswald de Andrade devem ser compreendidas a partir de um contexto no qual os países que compõem a América Latina passaram a questionar a posição periférica que lhes fora atribuída, buscando a afirmação de uma identidade. Segundo Richard Morse³, existiram três momentos essenciais nas produções de literatos e intelectuais latino-americanos que contribuíram para a gestação de uma identidade nacional. O primeiro momento é interpretado pelo historiador como associado aos modernismos dos anos vinte, o segundo aos romancistas e ensaístas da década de trinta e o último se relacionaria às produções filosóficas dos anos quarenta e cinquenta. Em meio a esse contexto, escritores e intelectuais buscaram repensar sua realidade não mais adotando a Europa como modelo, mas sim a partir de suas singularidades.

De acordo como autor⁴, é com os modernismos dos anos de 1920 que se inicia uma tomada de consciência na América Latina e, com ela, a gestação das identidades nacionais e do significado de ser latino-americano. No caso brasileiro, Morse elege Oswald de Andrade como um dos representantes na busca pela gestação de uma identidade nacional. Esse processo de gestação, no entanto, permaneceria até o presente, uma vez que, para o historiador, a identidade não deve ser encarada como fixa, mas sim como estado em constante construção.

Em meio a esse debate, estudos recentes têm reforçado a interpretação do conceito antropofágico desenvolvido por Oswald como um exemplo de não-identidade. Suely Rolnik, ao tratar das relações entre as ideias dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari com Oswald de Andrade, apresenta a antropofagia como um conceito oposto ao regime identitário uma vez que o princípio oswaldiano simbolizaria a transformação a partir da mistura com o outro. Nas palavras de Rolnik: “Constituídos por esse princípio, os brasileiros seriam, em última instância, aquilo que os separa incessantemente de si mesmos”.⁵ Dessa forma, a antropofagia surge como um modo de produção de subjetividade que transborda os pretensos limites da identidade.

³ MORSE, Richard. O multiverso da identidade Latino-americana, 1920-1970. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina – a América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. São Paulo: EDUSP, 2011, pp. 31-32.

⁴ MORSE, Richard. O multiverso da identidade Latino-americana, 1920-1970..., p. 31.

⁵ ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. In: ALLIEZ, Éric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 453.

Em consonância com essa definição, Eduardo Viveiros de Castro⁶ (2016, p.14) defende a antropofagia não como afirmação de uma suposta identidade brasileira, mas como um conceito de identidade ao contrário. A deglutição do inimigo não é um meio de afirmar o Eu a partir da negação daquele, tampouco é a busca de se transformar no outro, copiando-o. Para Viveiros de Castro, comer o inimigo é: “Transformar-se, justo ao contrário, *por meio* dele, transformar-se em um *eu Outro*, autotransfigurar-se com a ajuda do ‘contrário’. [...] Não um ver-se no outro, mas ver o outro em si”. Sob essa perspectiva a devoração proposta por Oswald parece ecoar as palavras ditas quase um século antes pelo também poeta Arthur Rimbaud: “Eu é um outro”.⁷

Dentro desta perspectiva, a antropofagia influencia aspectos de nossa sociedade ao se apresentar como um possível modo de produção cultural oposto às identidades-estaque. Acredito ser necessário mais pesquisas para aprofundar o debate sobre como as questões de identidade e não-identidade nacional se desenvolvem nos textos de Oswald de Andrade. Há, no entanto, a possibilidade de pensar Oswald como parte da tomada de consciência identificada por Richard Morse e simultaneamente como um exemplo desviante que, ao formular a antropofagia como cerne de sua obra, rompe com a rigidez da noção identitária. O conflito é, afinal, o âmago da antropofagia, como é possível perceber já nos primeiros *insights* presentes no manifesto e, mais tarde, em sua elaboração filosófica a partir dos ensaios de *A Utopia Antropofágica*. Tal essência é evidenciada por autores como Benedito Nunes e Maria Cândida Ferreira de Almeida em suas considerações a respeito do conceito apresentado por Oswald.

Em *Antropofagia ao alcance de todos* (1990), Benedito Nunes esclarece que Oswald de Andrade apresentou em seu manifesto, simultaneamente, uma metáfora, um diagnóstico e uma terapêutica para a realidade sociocultural brasileira. Metáfora por que, inspirada nos rituais tupinambá onde o inimigo feito prisioneiro era devorado com a finalidade de que suas qualidades fossem absorvidas, a antropofagia simbolizava a forma como deveríamos lidar com as relações culturais com a Europa, não apenas assimilando passivamente, mas devorando suas forças de modo a criar algo próprio. Diagnóstico uma vez que nossa sociedade ainda hoje carregaria traumas ocasionados por uma colonização

⁶ CASTRO, Eduardo Viveiros de. Que temos nós com isso? In: AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016, p. 14.

⁷ RIMBAUD, Arthur. Carta a Paul Demeny. In: *Obras completas*. Paris: Gallimard, 1972, p. 249.

repressora. E, por fim, terapêutica uma vez que devorando a cultura europeia romperíamos com a noção hierárquica usando o modelo, outrora imposto, como alimento nutritivo para uma apropriação transformadora e original. Nas palavras de Nunes:

*A terapêutica empregaria o mesmo instinto antropofágico outrora recalcado, então liberado numa catarse imaginária do espírito nacional. E esse mesmo remédio drástico, salvador, serviria de tônico reconstituente para a convalescença intelectual do país e de vitamina ativadora de seu desenvolvimento futuro.*⁸

A respeito do aspecto anti-hierárquico presente no manifesto é interessante recorrermos às ideias apresentadas por Maria Cândida Ferreira de Almeida em *Só a antropofagia nos une*. De acordo com a autora, Oswald teria baseado seu conceito de antropofagia nas práticas tupinambá cujo ritual antropofágico era caracterizado pela não-seletividade, de modo que devoravam não apenas os inimigos corajosos, mas também os mais fracos. Partindo dessa premissa, a metáfora desenvolvida por Oswald não se restringiria à devoração apenas dos aspectos culturais entendidos como “superiores”, ao contrário, toda a alteridade passa a ser percebida como um bom prato a ser degustado. Tal ideia é sintetizada por Oswald em uma das mais famosas passagens de seu manifesto: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”.⁹ A quebra hierárquica empreendida pelo manifesto, portanto, não se restringe apenas à afirmação da periferia enquanto produtora de uma cultura própria que ousa ingerir o centro, assume-se, também, como a fome de tudo que é o outro.

No cerne do *Manifesto Antropófago* está o conflito. Através de aforismos, Oswald de Andrade expõe as divergências existentes na nossa sociedade na qual a herança colonizadora, que nos impôs uma religião, moral e direito repressores, coexistiria com a persistência de um substrato antropofágico, fruto da nossa ancestralidade matriarcal. Ao abordar a resistência desse substrato primitivo Benedito Nunes sintetiza: “Por baixo do Parlamentarismo do Império, ficou o poder real do tacape; sob o verniz das instituições importadas, a política e a economia primitivas, e sob os ouropéis da literatura e da arte, a imaginação, a lógica do indígena, surrealista *avant la lettre*”.¹⁰ A terapêutica para nossa sociedade recalcada surge na “vacina antropofágica” por meio da qual, em um ritual de

⁸ NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 22.

⁹ ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 67.

¹⁰ NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos..., p. 24.

devoração, lançaríamos os mitos culturais subsistentes em nosso inconsciente coletivo contra os emblemas da civilização, transformando tabu em totem. Contra o Padre Antônio Vieira e o Padre Anchieta, contra a Mãe dos Gracos, contra Goethe e a corte de Dom João VI surge Jaci, Guaraci, Jabuti e cobra grande.¹¹ Através do ato antropofágico, que dessacralizaria o tabu, nossa sociedade se veria livre de seus recalques e conflitos históricos criando condições para a Revolução Caraíba, através da qual retornaríamos à “realidade sem complexos, sem loucura, sem substituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”.¹²

Com sua típica irreverência o filósofo da antropofagia ousa inverter a ordem histórica colocando a Revolução Caraíba como mãe de todas outras e o ameríndio como responsável pela Declaração dos Direitos do Homem. Consta no manifesto: “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”.¹³ O ameríndio é apresentado como fonte de inspiração para o “homem natural” estabelecendo uma problematização da relação entre centro e periferia. Na quebra hierárquica, produzida por Oswald, a América surge como influenciadora da Europa e não como mera reprodutora. A esse respeito a autora da obra *Antropofagia: palimpsesto selvagem* (2016), Beatriz Azevedo, observa: “Não somos nós que teríamos importado a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, ao contrário, foi a humanidade nua da América que nutriu a fundamentação mesma da civilização europeia”.¹⁴ A inversão histórica, realizada por Oswald de Andrade, interessa ao questionar a visão eurocêntrica na qual o Brasil seria apenas um assimilador passivo da cultura europeia.

Por sua vez, se o *Manifesto Antropófago*, através da sua postura anti-hierárquica, surge como uma alternativa de interpretação da sociedade brasileira não mais como reprodutora, mas como agente em sua própria história, a obra *A Utopia Antropofágica* une a essa interpretação um novo olhar para a nossa herança contrarreformista.

¹¹ ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago...

¹² ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago..., p. 74.

¹³ ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago..., p. 68.

¹⁴ AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia...*, p. 33.

Os ensaios selecionados para compor o livro mencionado marcaram o retorno de Oswald de Andrade para a antropofagia. No ano de 1933, através do prefácio de *Serafim Ponte Grande*, Oswald havia noticiado seu rompimento com o movimento. O escritor declara ter sofrido de um “sarampão antropofágico” que o levava a se comportar como um palhaço da burguesia. A cura para esse mal fora encontrada na vacina marxista. Após essa declaração, Oswald passa a se dedicar à militância política até o ano de 1945 quando rompe com o marxismo, revelando, dois anos depois, seu retorno à antropofagia.

Tal retomada não surpreende. Embora tenha declarado afastamento do movimento durante a década de 1930, na prática, Oswald demonstrou permanecer relacionando-se antropofagicamente com o mundo, seja pelos traços que ainda ressoavam em seus escritos, seja devido a sua própria relação com o marxismo que, longe de uma leitura passiva, foi deglutido por Oswald. De acordo com Antonio Candido, em *Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade* (1970), a devoração não se resumia a um conceito que norteava as produções textuais de Oswald, era um traço marcante de sua própria personalidade. Deglutir o outro, essa era a forma pessoal do escritor de absorver a realidade. No devorar da alteridade Oswald encontrava a sua principal fonte de criação.

O retorno à antropofagia, no entanto, não deve ser compreendido como uma simples retomada do movimento originado nos anos vinte. Como era próprio da sua elasticidade, Oswald procurou, nos seus escritos dos anos cinquenta, elaborar a antropofagia como filosofia. O ensaio *A crise da filosofia messiânica* (1950), escrito pelo autor como uma tese para concorrer à cadeira de filosofia da Universidade de São Paulo¹⁵, retoma a história da civilização ocidental desde a antiga Grécia para discutir o processo de ascensão e crise de uma sociedade formada com base numa concepção antinatural nomeada pelo autor como Patriarcado. As reflexões apresentadas no ensaio continuam a ser desenvolvidas nos textos *Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial* (1950) e *A Marcha das Utopias* (1953). O autor busca, fazendo uso da postura antropofágica como metodologia, a elaboração de uma concepção filosófica da sociedade com base no conceito da devoração.

Em seus escritos filosóficos, Oswald divide a história em dois grandes hemisférios culturais: o Matriarcado, esquema mítico do homem primitivo e produtor de uma cultura

¹⁵ O escritor, contudo, não pôde prestar o concurso para a vaga por não possuir curso superior em filosofia.

antropofágica, e o Patriarcado, esquema sócio-cultural do homem civilizado e da cultura messiânica. Enquanto o Matriarcado se caracterizaria pela propriedade comum do solo, o filho de direito materno e a ausência de Estado, o Patriarcado teria se imposto com o surgimento da divisão de classes. Ao se sobrepor, a classe que incorporara o poder passou a necessitar de leis que garantissem a obediência dos demais opondo o Direito Positivo ao Direito Natural que, até então, garantia a igualdade. A necessidade de assegurar o domínio de uma classe por meio dessas novas leis tornou imprescindível a criação de um Estado coercitivo. Dessa forma, segundo Oswald, o Patriarcado, opondo-se ao mundo mítico do homem primevo, se definiria por uma tríplice base: o filho de direito paterno, a propriedade privada do solo e o Estado de classes. Nas palavras de Oswald: “A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo”.¹⁶

A partir dessa divisão Oswald formula uma relação dialética na qual o Matriarcado e o homem natural, enquanto primeiro termo, representariam a tese e o Patriarcado e o homem civilizado, em segundo termo, representariam a antítese. Nessa operação, a síntese resultaria em um novo Matriarcado e no surgimento do homem natural tecnizado. De acordo com o escritor, estaríamos presos no segundo termo, vivendo um estado de negatividade em uma sociedade patriarcal cuja cultura messiânica geraria uma moral do escravo. Contudo, o autor identifica, pouco a pouco, uma crise dessa filosofia messiânica e o anúncio de um novo Matriarcado no qual, através dos avanços técnicos conquistados durante o segundo termo, aliados a uma cultura antropofágica, o homem finalmente viveria em pleno ócio na utopia realizada. Em “A crise da filosofia messiânica” o autor defende:

No fundo de todas as religiões, como de todas as demagogias, está o ócio. O homem aceita o trabalho para conquista o ócio. E hoje, quando, pela técnica e pelo progresso social e político, atingimos a era em que, no dizer de Aristóteles, ‘os fusos trabalham sozinhos’, o homem deixa a sua condição de escravo e penetra de novo no limiar da Idade do Ócio. É o outro Matriarcado que se anuncia. [...] No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese enfim, da técnica que

¹⁶ ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: *A utopia antropofágica...*, p. 143.

é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico¹⁷. Sobre a Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens.¹⁸

Se, durante o Patriarcado, o trabalho tornara-se a finalidade da vida do homem, no novo Matriarcado, com a técnica e a possibilidade da realização das tarefas pela máquina, ele finalmente seria livre para criar. O ócio defendido por Oswald, afinal, não se associa à noção de inércia, mas sim à possibilidade de o homem dedicar-se ao desenvolvimento de seus dons e ao caráter lúdico da vida. O ócio oswaldiano assume um aspecto fecundo, através do qual teríamos liberdade para explorar as potências de nossa criatividade. Como explica o escritor: “Acabou-se essa história dum funileiro não poder interpretar Brahms no violino”.¹⁹

De acordo com Beatriz Helena Domingues²⁰, no artigo *Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o modernismo brasileiro*, a retomada da antropofagia por Oswald de Andrade mantém o caráter subversivo e anti-hierárquico característicos do manifesto, mas inova ao demonstrar uma maior flexibilização que possibilita uma reabilitação da figura dos jesuítas e da cultura da Contrarreforma²¹. A reabilitação empreendida pelo escritor não significa que ele tenha deixado de ver na colonização portuguesa um aparato repressor, como é apontado no manifesto, no entanto ele passa a perceber na cultura da Contrarreforma aspectos positivos em função da plasticidade característica dos jesuítas. Segundo as ideias desenvolvidas por Oswald, ainda que repressora, a cultura contrarreformista, que chegou até nós por meio da colonização ibérica, apresentaria uma faceta mais humana e mais aberta ao contato com o outro do que a concepção reformista que colonizara os Estados Unidos. A Contrarreforma possibilitaria, portanto, uma maior abertura para o posterior desenvolvimento do novo Matriarcado e do homem primitivo tecnizado. De acordo com Oswald, em *A marcha das utopias*:

¹⁷ Para tratar do assunto Oswald de Andrade recorre à obra *Homo Ludens* (1938), do historiador Johan Huizinga.

¹⁸ ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: *A utopia antropofágica...*, p. 145-146.

¹⁹ ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, p. 282.

²⁰ DOMINGUES, Beatriz H. Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o modernismo brasileiro. In: DOMINGUES, Beatriz H.; BLASENHEIM, Peter L (orgs). *O código Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, pp. 84-85.

²¹ A respeito da reabilitação dos jesuítas por Oswald de Andrade destaca-se também o texto de Beatriz Helena Domingues “Modernismo e Religião: um estudo da abordagem de Oswald de Andrade sobre o papel da Contra-Reforma no Brasil”, bem como o artigo da mesma em coautoria com Sonia Cristina Lino, “Utopia e religiosidade em Oswald de Andrade”. DOMINGUES, Beatriz H. “Modernismo e Religião: um estudo da abordagem de Oswald de Andrade sobre o papel da Contra-Reforma no Brasil” In: *A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos*, organizado pelo Decanato do CTCH, Editora PUC-Rio, 2007. DOMINGUES, Beatriz H; LINO, Sonia Cristina. “Utopia e religiosidade em Oswald de Andrade” In AMARAL, Leila; GEIGER, Amir. *In Vitro, In Vivo, In Silicio: ensaios sobre a relação entre arte, ciência, tecnologia e o sagrado*. São Paulo: Attar Editorial, 2008.

Quando falo em Contrarreforma, o que eu quero é criar uma oposição imediata e firme ao conceito árido e desumano trazido pela Reforma e que teve como área cultural particularmente a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos da América. Ao contrário, nós brasileiros, campeões da miscigenação tanto da raça como da cultura, somos a Contrarreforma, mesmo sem Deus ou culto. Somos a Utopia realizada, bem ou mal, em face do utilitarismo mercenário e mecânico do Norte. Somos a Caravela que ancorou no paraíso ou na desgraça da selva, somos a Bandeira estancada na fazenda. O que precisamos é nos identificar e consolidar nossos perdidos contornos psíquicos, morais e históricos.²²

Mantendo a tradicional oposição entre ócio e negócio, na qual o segundo seria a negação do primeiro, Oswald identifica na cultura da Contrarreforma uma valorização do ócio, enquanto a cultura da Reforma, a partir de uma devoração oswaldiana da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1905), de Max Weber, priorizaria o negócio. Em função dessa característica o autor reconhece que a Reforma teria possibilitado um maior avanço técnico. Esse avanço se realizara, no entanto, à custa de uma sociedade utilitarista e mecânica. Tendo alcançado o desenvolvimento tecnológico, a civilização deveria agora voltar seus horizontes para uma opção cultural distinta, apresentada pela Contrarreforma. Nas palavras do autor: “Atingindo o clímax da técnica, o calvinismo que foi, com a doutrina da Graça, o instrumento do progresso, tem que ceder o passo a uma concepção humana e igualitária da vida – essa que nos foi dada pela Contrarreforma”.²³

Nas origens das duas concepções que colonizaram a América, o autor identifica uma divisão ainda mais antiga entre a visão de mundo judaica e a muçulmana, cujas influências explicariam o caráter plástico da cultura gerada a partir da Contrarreforma e a aridez da cultura reformista. De acordo com Oswald, por acreditarem-se o povo eleito por Deus os judeus teriam se fechado sobre si mesmos, evitando a aproximação com o “de fora”. Por outro lado, os árabes se apresentariam como um “povo exogâmico” e, portanto, aberto para o contato e a mistura com o outro. A concepção judaica desembocaria na cultura protestante com a sua crença na eleição e caráter marcadamente individualista, enquanto o modo de vida árabe encontraria reflexos na Contrarreforma, em especial na Companhia de Jesus que a trouxe para o Brasil. Colonizada pelos portugueses, nossa

²² ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, p. 228.

²³ ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, p. 227.

sociedade seria fruto da miscigenação já nas suas raízes ibéricas, uma vez que, independentemente da Reconquista, a mistura com a cultura árabe já tomara a península.

Segundo Oswald de Andrade, o caráter exôgamico, desenvolvido na Península Ibérica a partir de seu contanto com os árabes, influenciara a Companhia de Jesus. Os jesuítas, reabilitados por Oswald em seus escritos dos anos cinquenta, são descritos no tom brincalhão e subversivo característicos do escritor como “maometanos de Cristo”.²⁴ Em função da flexibilidade herdada das raízes sarracenas, os jesuítas, ao trazerem sua religião de caravela para as terras brasileiras, possuiriam uma maior propensão para a comunicação e o sincretismo com os indígenas do que os reformistas que colonizaram a América do Norte. A respeito da perpetuação da concepção árabe de vida entre os jesuítas, Oswald escreve:

O deus único do deserto, deus de caravana, se metamorfoseia transformado no Cristo, em deus de caravela, sob a condução compreensiva da roupeta jesuítica na direção da conquista da América. [...] Vinda da Arábia petrificada e saída do deserto, a gente sarracena se mesclaria na Península para continuar pelos caminhos do oceano o seu impulso exôgamo e conquistador, que trazia em si o errático e o imaginoso, a aventura e a fatalidade. E que só havia de estacar nos verdes da Descoberta. Na Ilha de Vera Cruz, Ilha de Utopia, Brasil.²⁵

A reabilitação da Contrarreforma e dos jesuítas, empreendida por Oswald em seus escritos filosóficos, não deve ser interpretada como esquecimento ou conformidade com o caráter violento desses em relação aos povos indígenas. Tampouco como fruto de uma devoção religiosa. A violência da colonização não é de forma alguma abrandada por Oswald. O que o autor defende é que, em comparação com a aridez do Norte marcada por um sistema endógamo e pela cultura do negócio, a concepção que desembarcou no Brasil, dotada de uma “compreensão mais lúdica e amável da vida”²⁶, estaria mais próxima do horizonte utópico e do novo Matriarcado, no qual o ócio seria conquistado. Em uma passagem, que chama atenção pelo tom espirituoso e até mesmo ácido, o escritor explica sua posição: “Ainda creio que nossa cultura religiosa venha a vencer no mundo moderno a

²⁴ ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, p. 233.

²⁵ ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, pp. 233-234.

²⁶ ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, p. 270.

gélida concepção calvinista, que faz da América do Norte uma terra inumana, que expulsa Carlitos e cultiva McCarthy”.²⁷

Aqui é possível notarmos mais uma vez a influência que Oswald de Andrade exerceu sobre o historiador Richard Morse. Como defende Beatriz Helena Domingues²⁸, muitas das perspectivas de Oswald, em especial aquelas desenvolvidas nos ensaios presentes em *A Utopia Antropofágica*, ecoam na principal obra do historiador, *O Espelho de Próspero* (1982), ainda que em nenhum momento haja referência ao autor brasileiro.

Assim como Oswald desenvolve em seus ensaios a ideia de duas concepções culturais distintas que vieram a colonizar a América, Morse identifica na história das “civilizações paternas” o surgimento de duas opções culturais e políticas, uma adotada pela Península Ibérica e a outra pela Inglaterra, que viriam a se desenvolver na América. O historiador apresenta, portanto, as diferenças existentes entre a Ibero e a Anglo-América como resultado de opções culturais. Com essa proposta, Morse rompe com uma visão hierárquica na qual os Estados Unidos eram comumente compreendidos como modelo de civilização bem-sucedida enquanto a Ibero-América era vista como atrasada em uma suposta corrida pelo desenvolvimento. O autor propõe um novo olhar para a cultura ibero-americana que encontra ressonâncias nos ensaios de Oswald de Andrade ao assumir uma perspectiva positiva com relação a nossa herança ibérica.

Em 1954, ano de sua morte, já afetado por um estado de saúde que dava mostras de precariedade e preocupado com o destino de sua obra, Oswald escreve uma comunicação para o Encontro dos Intelectuais, realizado no Rio de Janeiro, através da qual lança um apelo para que a tarefa de reabilitação do primitivo, nosso dever enquanto americanos, não fosse abandonada e que o conceito de antropofagia, seu grande legado, continuasse a ser desenvolvido e estudado. Escrito na urgência imposta pela saúde que já lhe faltava e no anseio de garantir que sua herança se perpetuasse, a comunicação de Oswald, espécie de testamento para as futuras gerações de artistas, intelectuais e estudantes brasileiros, sequer recebeu um título de seu autor. O texto, contudo, pode ser encontrado no livro *Estética e Política* (1992), pertencente à coleção de suas obras completas, sob o nome de “A reabilitação do primitivo”, alcunha escolhida pela

²⁷ ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica...*, p. 223.

²⁸ DOMINGUES, Beatriz H. Próspero devorando Caliban..., p. 79.

organizadora do volume, Maria Eugênia Boaventura. Através do texto, expressão do último desejo, Oswald clama:

Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço pois um apelo a todos os estudiosos deste grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita.²⁹

Caso o escritor tivesse a oportunidade de espiar o futuro, ainda que momentaneamente, se tranquilizaria ao perceber os frutos gerados a partir de seu legado. O conceito de antropofagia foi e continua sendo constantemente devorado e reinventado. Foi retomando pelo próprio Oswald em seus ensaios filosóficos dos anos quarenta e cinquenta, influenciou os poetas concretistas dos anos cinquenta, a tropicália na década de sessenta, o Teatro Oficina e é, ainda hoje, tema de inúmeros estudos acadêmicos.

Mesmo constantemente revisitada a antropofagia é um conceito que não se esgota. De acordo com a autora Maria Cândida Ferreira de Almeida, em *Só a antropofagia nos une*, o conceito elaborado por Oswald ao longo de suas obras não é um legado encerrado, mas sim uma noção em devir, a ser sempre elaborada. A antropofagia é um projeto que deve ser, nas palavras de Almeida, “concretizado por nós que escolhemos outra perspectiva para nos interpretarmos e nos posicionarmos enquanto gente das Américas, herdeiros de muitas tradições em conflito e em conciliação”.³⁰

Ainda que tenha sido formulada pela primeira vez há mais de oitenta e oito anos, no *Manifesto Antropófago*, a antropofagia tomada como conceito permanece profundamente atual, dotada de um dinamismo que perpetua seu fascínio sobre nós. Tal fascínio torna-se compreensivo se pensarmos que o *insight* de Oswald surge como uma possibilidade enriquecedora de interpretarmos nossa cultura e nossas tradições. Dotados de distintas heranças que concomitantemente encontravam-se em conflito e conciliação, os textos de Oswald trazem em si a própria dinâmica dessa tensão. “Tupi ou not tupi: that’s the question”³¹, a pergunta sintetiza o conflito diante de nossa multiplicidade.

²⁹ ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*. Obras completas. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1992, pp. 231-232.

³⁰ ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira. *Só a antropofagia nos une...*, p. 122.

³¹ ANDRADE, Oswald de. *Manifesto antropófago...*, p. 67.

Augusto de Campos definiu a antropofagia como “a única filosofia original brasileira e, sob alguns aspectos, o mais radical dos movimentos artísticos que produzimos”.³² Talvez a afirmação soe um tanto extrema ao colocar a antropofagia como a representante exclusiva de um conceito brasileiro genuíno, porém é inegável que Oswald de Andrade conquistou lugar entre os intelectuais que se debruçaram sobre nossa sociedade e, por que não, sobre nossa historiografia. Em meio a reflexões contemporâneas sobre a impossibilidade de uma criação puramente original e a abertura do mundo das artes para uma percepção cada vez mais veemente de que toda produção é, como mencionou Roland Barthes³³, um tecer de citações e influências, a exclusividade proposta por Campos deve ser questionada. A própria antropofagia é, em sua essência, uma declaração pelo direito de se apropriar das mais diversas referências.

No entanto, ainda que a exclusividade proposta por Campos exija uma reflexão mais cuidadosa, a antropofagia pode ser reconhecida por sua potencialidade. O conceito de modo algum se reduz à faceta estética e literária. Como destaca Beatriz Azevedo, a antropofagia possui um “alcance filosófico, antropológico, sociológico, político e cultural”.³⁴ Assim, é possível estender as ideias apresentadas nos textos de Oswald ao campo da história em um diálogo no qual o papel do literato, do filósofo e do historiador dissolvem suas fronteiras. Não por acaso, muitas das ideias do escritor foram influenciadas por historiadores, sociólogos e estudiosos de nossa cultura. Da mesma forma, as reflexões de Oswald de Andrade tornaram-se influência para gerações de pensadores que o procederam. É inegável, na obra de Oswald, a presença de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Esse último surge nos ensaios de *A Utopia Antropofágica* como uma fonte nutritiva de devoração. Oswald recorre incontáveis vezes à obra *Raízes do Brasil* (1936), chegando inclusive a escrever o texto *Um aspecto antropofágico da cultura brasileira – o homem cordial* no qual, segundo Henrique Estrada Rodrigues³⁵, o autor extrapola a versão de Sergio Buarque de Holanda ao reabilitar o homem cordial. Carregando dentro de si o contraponto entre cordialidade e agressividade, o homem cordial deglutido por Oswald a partir da leitura de Sergio Buarque “compreende a vida como devoração e a simboliza no

³² CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de antropofagia*. São Paulo: Abril Cultural/ Metal Leve, 1976, p. 124.

³³ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 70.

³⁴ AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia...*, p. 213.

³⁵ RODRIGUES, Henrique Estrada. Extrapolando Oswald de Andrade. *Gratuita*, v.1, n.3, 2012, p. 68.

rito antropofágico, que é comunhão. De outro lado a devoração traz em si a imanência do perigo. E produz a solidariedade social que se define em alteridade”.³⁶ É igualmente inegável a influência que Oswald exerceu na formação de novos estudiosos da sociedade brasileira, como é o caso do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, ou do historiador norte-americano Richard Morse.

Na *Revista de Antropofagia*, no segundo número de sua segunda dentição destaca-se a seguinte passagem: “A descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo”.³⁷ A antropofagia em seu processo de constante reinventar-se apresenta para a história suas potencialidades.

Considerações finais

Há, ainda, muito o que se pesquisar a respeito da antropofagia. Sua ininterrupta transformação faz com que o conceito a todo tempo pareça escapar por entre nossas mãos. Em devir, a antropofagia adquire novas nuances, se lança a novas devorações. Ainda assim, acredita-se ser possível concluir, neste trabalho, sua importância enquanto ferramenta de leitura da nossa sociedade. Torna-se plausível, também, afirmar o papel de Oswald de Andrade enquanto um intérprete do Brasil. Ao atacar o simplismo do pensamento dicotômico, apontando para relações mais complexas, a antropofagia possibilitou o questionamento das percepções de centro e periferia. Oswald destacou, através do arquétipo do antropófago, nosso papel enquanto sujeitos, desmentindo o mito de nossa passividade enquanto brasileiros e latino-americanos. Da mesma forma, seu olhar para nossa herança contrarreformista contribuiu para uma valorização de nossa concepção cultural frente ao modelo civilizatório que a todo momento nos é imposto. O olhar antropofágico propõe uma ressignificação de nossa história, de nossa relação com o passado colonial. Adotando a antropofagia como uma forma de leitura, nos afirmamos enquanto produtores. Afirmação que não se dá pelo fechamento, mas pela abertura ao outro.

Referências bibliográficas

³⁶ ANDRADE, Oswald de. Um aspecto cordial antropofágico da cultura brasileira – o homem cordial. In: *A utopia antropofágica...*, p. 219.

³⁷ JAPY-MIRIM. *Revista de antropofagia*, São Paulo, ano II, n. 2, 1929.

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira. Só a antropofagia nos une. *Cultura, política y sociedade: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ANDRADE, Oswald de. Estética e Política. Obras completas. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1992.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 67-74.

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 138-215.

ANDRADE, Oswald de. Um aspecto cordial antropofágico da cultura brasileira – o homem cordial. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 216-219.

ANDRADE, Oswald de. A marcha das Utopias. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 220-298.

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011.

AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de antropofagia*. São Paulo: Abril Cultural/ Metal Leve, 1976.

CANDIDO, Antonio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Que temos nós com isso? In: AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016, p. 11- 19.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, v.3.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DOMINGUES, Beatriz H. História e literatura na busca pela identidade na América Latina no século XX: a visão de Richard Morse. *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 7, p. 47-73, nov./dez., 2011.

DOMINGUES, Beatriz H. História e literatura: um diálogo em andamento. *LOCUS: Revista de História*. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em História/ Departamento de História, v.17, n.1, 2011, p. 7-13.

DOMINGUES, Beatriz H. Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o modernismo brasileiro. In: DOMINGUES, Beatriz H.; BLASENHEIM, Peter L. *O código Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 77- 98.

DOMINGUES, Beatriz H. “Modernismo e Religião: um estudo da abordagem de Oswald de Andrade sobre o papel da Contra-Reforma no Brasil” In: *A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos*, organizado pelo Decanato do CTCH, Editora PUC-Rio, 2007, 2 volumes, vol. II, pp.77-89.

- DOMINGUES, Beatriz H; LINO, Sonia Cristina. “Utopia e religiosidade em Oswald de Andrade” In AMARAL, Leila; GEIGER, Amir. *In Vitro, In Vivo, In Silicio: ensaios sobre a relação entre arte, ciência, tecnologia e o sagrado*. São Paulo: Attar Editorial, 2008, pp.34-56.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global, 2003.
- HOLANDA. Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- JAPY-MIRIM. *Revista de antropofagia*, São Paulo, ano II, n. 2, 1929.
- MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MORSE, Richard. Quatro poetas americanos: uma cama-de-gato. In: *A Volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MORSE, Richard. O multiverso da identidade Latino-americana, 1920-1970. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina – a América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 19-160.
- NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 7- 56.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- REVISTA DE ANTROPOFAGIA. São Paulo, 1928-1929. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>> Acesso em 11 de out. 2016.
- RIMBAUD, Arthur. Carta a Paul Demeny. In: *Obras completas*. Paris: Gallimard, 1972.
- RODRIGUES, Henrique Estrada. Extrapolando Oswald de Andrade. *Gratuita*, v.1, n.3, 2012.
- ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. In: ALLIEZ, Éric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Alceu*, v. 5, n.10, jan/jul, 2005.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 23 de agosto de 2019

Aprovado em 27 de novembro de 2019